



BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 1, N. 8, dezembro/2020 #8



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 1, N. 8, dezembro/2020 #8

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Henrique Luis do Carmo e Sá

Profa. Danielle Coimbra

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e
Gestão - CCG UNIFOR

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Francisco Alberto Oliveira

Curso de Economia UNIFOR / Coordenador do Núcleo
de Pesquisas Econômicas – UNIFOR

Prof. Maurício Rodrigues

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Ricardo Eleutério

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Nesse 8º número do Boletim Econômico, o curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, com primazia, coloca a disposição da sociedade cearense o **Índice de Ações Cearenses (IAC)**, composto exclusivamente de companhias que possuem sede no estado do Ceará listadas na B3(atual Bolsa de Valores do Brasil) e na Nasdaq(Bolsa de Valores americana, que é especializada em empresas do setor de tecnologia), a saber: Arco Educação, Banco do Nordeste, Enel Ceará (Coelce), Grendene, Hapvida, M. Dias Branco, Pague Menos e Aeris. Nesse contexto, na seção Opinião, os Economistas e Professores do curso de Economia da UNIFOR: Allisson David de Oliveira Martins e Ricardo Eleutério Rocha assinam o artigo denominado **O Mercado Brasileiro de Capitais e o Índice de Ações Cearenses**.

Além disso, o Boletim analisa, com base em indicadores econômicos conjunturais, os cenários das economias mundial, nacional e cearense; e com pioneirismo e exclusividade faz uma análise do desempenho das empresas cearenses na B3 utilizando o **Índice de Ações Cearenses (IAC)**.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

O Mercado Brasileiro de Capitais e o Índice de Ações Cearenses

¹Allisson David de Oliveira Martins

²Ricardo Eleutério Rocha

O sistema financeiro tem a função precípua de transformar poupança em investimento para a promoção do desenvolvimento econômico. Existe uma correlação positiva entre desenvolvimento financeiro e crescimento econômico: quanto mais elevada a taxa de crescimento econômico, maior é a contribuição do sistema financeiro para o crescimento econômico.

Historicamente, as altas taxas de juros e o excessivo crédito subsidiado financiando a acumulação privada, constituíram entraves estruturais ao desenvolvimento do mercado de ações no Brasil. Todavia, em tempos recentes, transformações importantes ocorreram no mercado financeiro brasileiro.

Ao longo de muitos anos o número de investidores brasileiros em bolsa havia estagnado em cerca de 500 mil. Em 2020, em meio à pandemia, após o Índice Ibovespa (IBOV) derreter 29,9% no mês de março e o *circuit breaker* ter sido acionado sete vezes no mesmo mês, o número de investidores alcançou a marca de 3,2 milhões em outubro recente, segundo dados da B3. Desse total, mais de 2 milhões de investidores ingressaram na bolsa de valores brasileira entre abril de 2019 e abril de 2020.

No Ceará, nessa nova dinâmica financeira, o número de investidores também apresentou crescimento expressivo, saltando de 10,8 mil investidores em novembro de 2018 para 54 mil em julho de 2020.

O ano de 2020 também surpreendeu pelo número de IPOs na bolsa brasileira, totalizando 28 com a captação alcançando R\$117 bilhões. Duas, das 28 companhias, são cearenses. Em 2019 foram apenas cinco operações no mercado primário de ações. O recorde ocorreu no ano de 2007 com 64 ofertas iniciais somando R\$55 bilhões captados no mercado primário.

A queda da taxa básica de juros, a Selic, para o patamar histórico de 2% a.a. contribui para explicar em larga medida o crescimento do número de investidores e de empresas adentrando o mercado de ações brasileiro.

Neste novo contexto financeiro e atento às transformações recentes verificadas no mercado de bolsa no Brasil e no Ceará, o curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza revela pioneirismo e inova ao lançar o Índice de Ações Cearenses (IAC).

O IAC é composto exclusivamente de companhias que possuem sede no estado do Ceará listadas na B3 e na Nasdaq, a saber: Arco Educação, Banco do Nordeste, Enel Ceará (Coelce), Grendene, Hapvida, M. Dias Branco, Pague Menos e Aeris. Das oito companhias, de setores distintos da economia, a mais antiga em bolsa é o Banco do Nordeste que estreou em 1977 enquanto a Pague Menos e a Aeris realizaram IPO no ano de 2020.

Nesse sentido, o Índice de Ações Cearenses (IAC), estruturado em metodologia robusta e sofisticada, com uso de técnicas acadêmicas, fundamentadas em finanças, estatística e *data science*, busca contribuir com a nova dinâmica do mercado de capitais, por meio de informação qualificada, especialmente para o nosso estado do Ceará, em que os investidores buscam, cada vez mais, aprender sobre investimentos, sobretudo do mercado de ações, bem como as empresas que se inclinam na direção de otimização na estruturação de capital dos empreendimentos, por meio da captação de recursos através do mercado de capitais.

Adicionalmente, o IAC permitirá o acompanhamento da performance das empresas sediadas

¹ Allisson David de Oliveira Martins é Economista e Professor da Universidade de Fortaleza – Unifor.

² Ricardo Eleutério Rocha é Economista e Professor da Universidade de Fortaleza – Unifor.

no Ceará, nas bolsas B3 (Brasil) e Nasdaq (Estados Unidos), além de possibilitar a comparação de rentabilidade com os demais índices de referência do mercado financeiro (IBOV, CDI, S&P500, Dólar, etc.), fundos de investimentos, portfólios, entre outros.

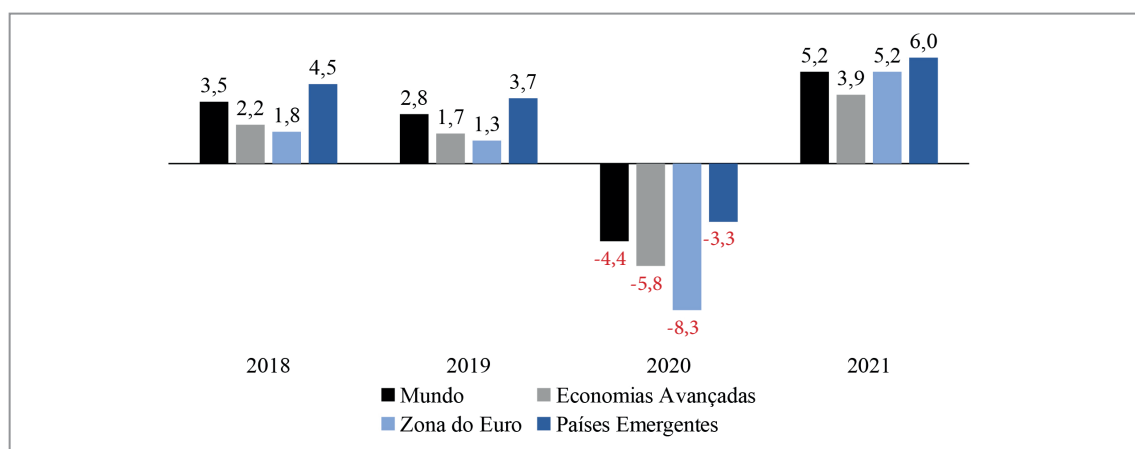
O Índice de Ações Cearense - IAC é um índice de acompanhamento do mercado de capitais desenvolvido estritamente no âmbito acadêmico, elaborado por alunos e professores do curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, não se constituindo de recomendação de compra e/ou venda de qualquer valor mobiliário, nem como recomendação de investimentos. Portanto, não há garantia de que uma estratégia de investimentos baseada no IAC será bem-sucedida. O IAC não emite, patrocina, endossa, comercializa, oferece ou expressa qualquer opinião sobre valores mobiliários baseado ou vinculado a um retorno de investimento relacionado ao desempenho do Índice de Ações Cearense. Salientamos que o IAC mede o desempenho histórico, de maneira que os retornos passados não são garantia de retornos futuros.

CENÁRIO MUNDIAL

Segundo as previsões econômicas divulgadas pelo *World Economic Outlook Update* de outubro de 2020 do Fundo Monetário Internacional - FMI, a economia mundial dará sinais de recuperação em 2021, apesar da forte queda em 2020. Com o início da vacinação contra o Covid-19 no final de 2020, a tendência é de uma retomada econômica já para o primeiro semestre de 2021, principalmente nos países desenvolvidos, onde o processo de vacinação vem ocorrendo de forma mais acelerada. Especialistas afirmam que a meta atual é entregar mais de 300 milhões de doses em todo o mundo até abril de 2021, sendo que é absolutamente imprescindível para a economia mundial que todos os programas de imunização sejam concluídos antes do próximo outono no hemisfério norte, que começa em setembro de 2021.

Conforme o gráfico a seguir, com projeções que pressupõem ainda surtos esporádicos do Coronavírus, porém com medidas de contenção mais brandas, o FMI projeta uma queda de - 4,4% no PIB mundial em 2020 e um crescimento de 5,2% em 2021. O maior crescimento será registrado nos Países Emergentes, com 6,0% de crescimento em 2020, seguidos pelos países da Zona do Euro, que apesar de um crescimento projetado em 5,2%, ainda não irá superar as perdas verificadas no ano de 2020 (-8,3%). As Economias Avançadas registram uma perda de -5,8% em 2020, e um crescimento previsto de 3,9% para o ano de 2021.

Gráfico 1 - Variação do PIB Real (%) – Mundo e Regiões Seleccionadas – 2018 a 2021.



Fonte: FMI. *World Economic Outlook Update* de outubro de 2020. Elaboração: Nupe/Unifor.

CENÁRIO NACIONAL

No terceiro trimestre de 2020, com relação ao mesmo período de 2019, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil caiu 3,9% (Quadro 1), porém, na comparação do terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre de 2020, registrou-se um forte crescimento de 7,7%, sendo a maior alta da série calculada pelo IBGE a partir do ano de 1996. Este resultado é decorrente da retomada das atividades essenciais que permaneceram fechadas em grande parte do segundo trimestre de 2020 face as medidas de isolamento social para o combate da pandemia do Covid-19. Em relação ao comportamento dos setores da economia, para a mesma base de comparação, houve uma pequena queda na Agropecuária (-0,5%) e fortes crescimentos na Indústria (+14,8%) e Serviços (+6,3%).

A Despesa de Consumo das Famílias apresentou contração de 6,0%, na comparação com o terceiro trimestre de 2019, enquanto na comparação com o segundo trimestre de 2020 registrou-se um forte crescimento de 7,6%, explicado em grande parte pela retomada dos gastos em serviços não essenciais.

A Formação Bruta de Capital Fixo, no qual retrata o comportamento dos Investimentos, aumentou 11,0% no terceiro trimestre de 2020 em relação ao segundo trimestre de 2020, motivado em grande parte pela retomada das obras na construção civil. A Despesa de Consumo do Governo teve aumento de 3,5% na mesma base de comparação, dada a retomada da oferta de serviços públicos não ofertados no segundo trimestre por conta do isolamento social. No setor externo, as Exportações de Bens e Serviços caíram 2,1%, enquanto as Importações de Bens e Serviços recuaram -9,6%.

Quadro 1 – Produto Interno Bruto e Componentes da Demanda – Brasil – 3º Trimestre de 2020.

Período de Comparação	Indicadores								
	Ótica da Oferta			PIB	Ótica da Demanda				
	AGROP.	INDUS.	SERV.		FBCF	CONS. FAM.	CONS. GOV.	Export.	Import.
3º Trimestre de 2020/ 2º Trimestre de 2020 (%)	-0,5%	14,8%	6,3%	7,7%	11,0%	7,6%	3,5%	-2,1%	-9,6%
3º Trimestre de 2020/ 3º Trimestre de 2019 (%)	0,4%	-0,9%	-4,8%	-3,9%	-7,8%	-6,0%	-5,3%	-1,1%	-25,0%
Taxa acumulada ao longo do ano (em relação ao mesmo período do ano anterior)	2,4%	-5,1%	-5,3%	-5,0%	-5,5%	-6,3%	-4,9%	-0,9%	-12,3%
Acumulado em quatro trimestres / mesmo período do ano anterior (sem ajuste sazonal)	1,8%	-3,5%	-3,5%	-3,4%	-4,0%	-4,1%	-3,7%	-1,9%	-9,0%
Valores Correntes no 3º Trimestre de 2020 (R\$)	105,5 bilhões	354,0 bilhões	1,2 trilhão	1,9 trilhão	306,3 bilhões	1,2 trilhão	371,2 bilhões	337,0 bilhões	272,6 bilhões
Taxa de Investimento (FBCF/PIB) no 3º Trimestre de 2020 = 16,2%									
Taxa de Poupança (Poup/PIB) no 3º Trimestre de 2020 = 17,3%									

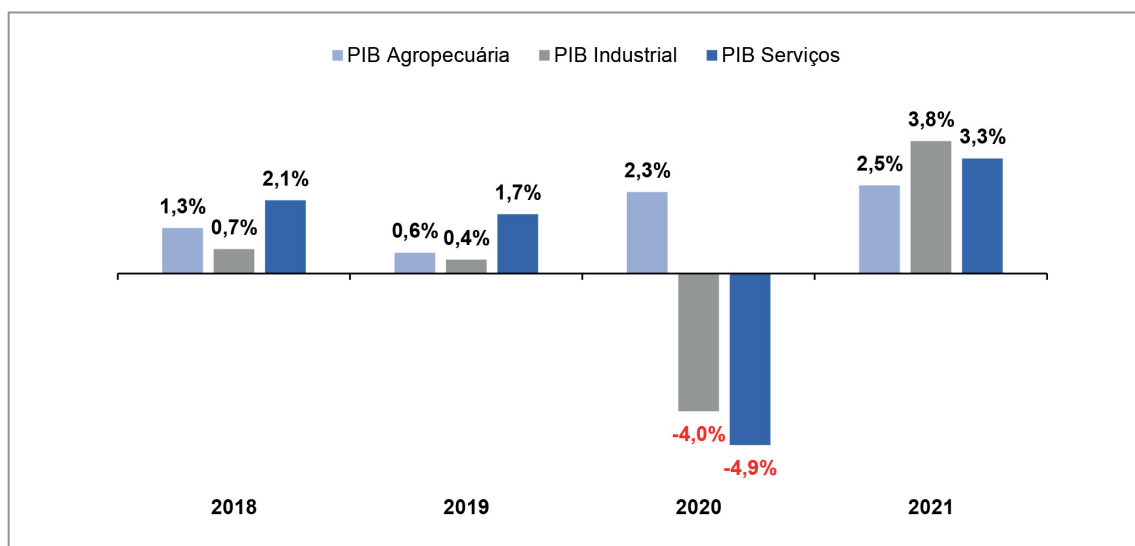
Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - IBGE. Elaboração Nupe/Unifor.

Conforme o gráfico 2 a seguir, os PIB's dos setores produtivos da economia brasileira têm apresentado taxas de crescimento baixas nos anos de 2018 e 2019. A variação do PIB real para os três setores foram, respectivamente, para 2018 e 2019: serviços: +2,1% e +1,7%; agropecuária: +1,3% e +0,6%; e indústria: +0,7 e +0,4%. Projeta-se para 2020 uma forte recessão para os PIB's dos setores de serviços (-4,9%) e indústria (-4,0%), devido aos efeitos negativos provocados pela pandemia do Covid-19. Na direção contrária destaca-se o crescimento de 2,3% para o setor agropecuário em 2020. Contudo, a previsão de crescimento para o PIB, segundo estimativas da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA, divulgadas no início de dezembro de 2020, o Produto Interno Bruto (PIB) do Agronegócio irá crescer 3% em 2021 (R\$ 1,8 trilhão) e para 2020, a previsão para o PIB do agro é um crescimento de 9%.

Vale ressaltar, que a produção agropecuária é responsável por cerca de 5,0% do resultado total do PIB.

Já para o ano de 2021, espera-se um crescimento gradual dos setores da economia, em específico o industrial e o setor de serviços, que foram os que mais sofreram os impactos da pandemia em 2020. Para o setor agrícola, também projeta-se crescimento. Desta forma, as previsões para os três setores são: aumento de +3,8% para a indústria, +3,3% para os serviços e +2,5% para a agropecuária, embora a CNA projete um crescimento muito acima desse percentual.

Gráfico 2 - Variação (%) do PIB Real (Setorial) – 2018 a 2021.



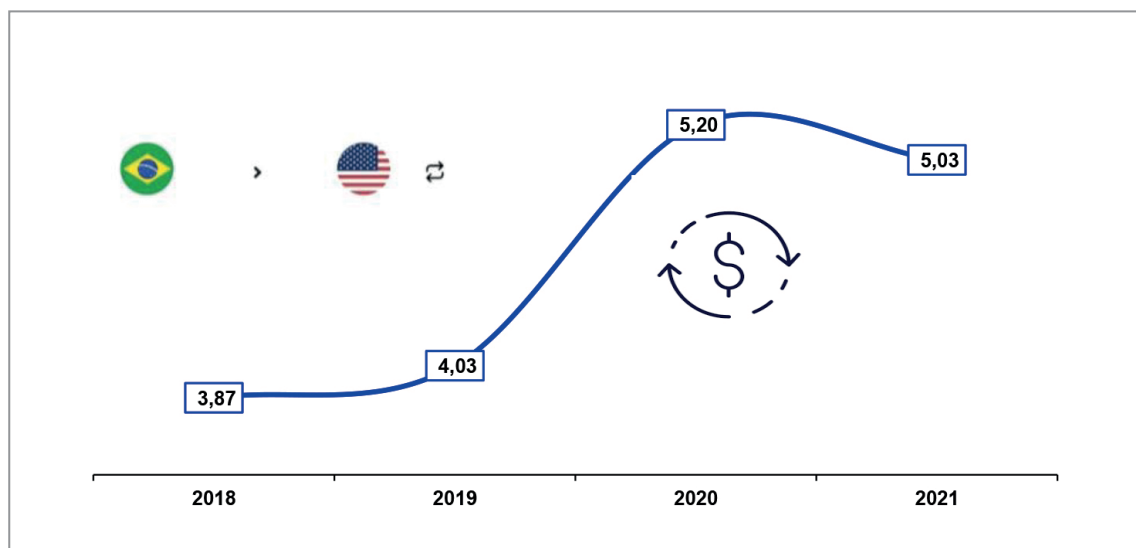
Fonte: IBGE e Relatório Focus – Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

Em relação ao comportamento da taxa de câmbio (Gráfico 3), desde março de 2020, a moeda brasileira vem acumulando constantes depreciações em relação ao dólar americano, sendo o real a moeda que mais se desvalorizou em relação ao dólar em 2020. A moeda americana acumula uma alta de 40% comparada à brasileira no ano. Este comportamento recente de desvalorização do real vem favorecendo as exportações brasileiras, ainda que os efeitos da pandemia da Covid-19 exerçam uma considerável influência na direção contrária. Para o final do ano de 2020, segundo o relatório Focus/Bacen, a projeção do câmbio se mantém em R\$ 5,20, valor 29% superior ao verificado no final de 2019. Além da crise do Covid-19, outros fatores contribuem por essa continuidade no desempenho negativo da moeda brasileira como o aumento da dívida pública, no qual estão afastando investidores externos.

Além das condições específicas da econômica brasileira vale ressaltar que, na verdade, a perda de força perante o dólar não é uma exclusividade do real, mas uma perspectiva ainda latente para as moedas dos países emergentes, dado que, diante da persistência de cenários menos otimistas

na economia mundial, os investidores continuam priorizando a segurança. Nesse contexto, embora a migração dos recursos para os bonds do tesouro americano, reconhecidos como de baixíssimo risco, continue figurando como uma das principais estratégias para alocação da elevada liquidez nos mercados financeiros internacionais, recentemente também tem sido vista de forma menos atraente, devido à instabilidade política causada pelas eleições norte americanas e ao forte efeito negativo da pandemia sobre a economia dos Estados Unidos, implicando um recuo nas projeções para o dólar em 2021.

Gráfico 3 - Taxa de Câmbio (fim de período) – 2018 a 2021.

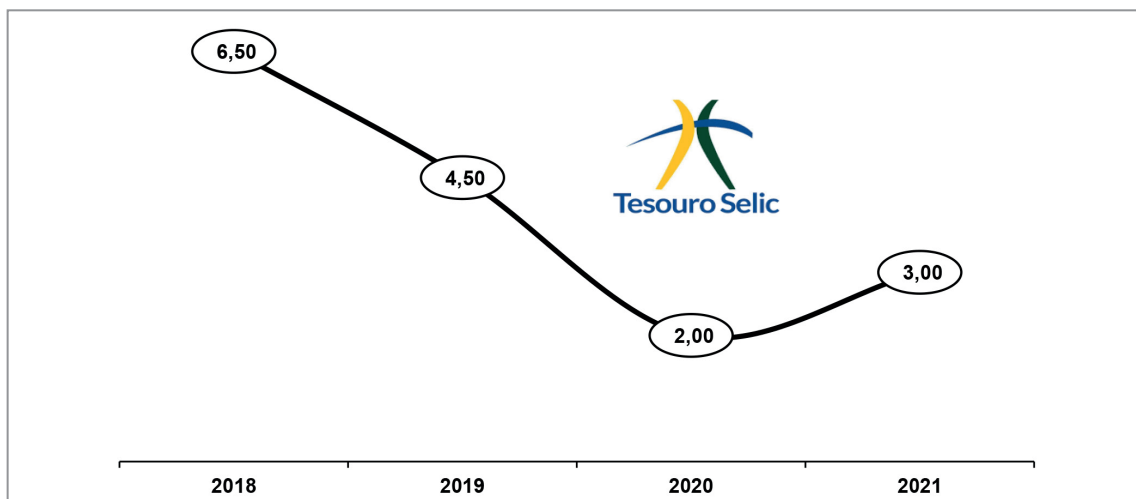


Fonte: Relatório Focus – Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

Na análise da taxa de juros SELIC (Gráfico 4), verifica-se que a taxa básica de juros brasileira teve considerável queda, no período 2018-2020, atingindo, em agosto de 2020, a mínima histórica, de 2,00%, mantendo-se este valor como previsão para o final do ano de 2020, segundo o relatório Focus do Bacen. A aceleração do corte na Selic ocorreu devido aos impactos da Covid-19, que reduziram o consumo das famílias, a produção industrial e os investimentos privados, e consequentemente o crescimento econômico. Tais efeitos influenciaram o Banco Central a adotar políticas monetárias expansionistas. Adicionalmente, seja no curto prazo, seja no horizonte dos próximos três exercícios, as diversas medidas de inflação apontam para o cumprimento das metas inflacionárias.

Contudo, é esperado um crescimento moderado da SELIC para o final do ano de 2021, elevando a taxa para 3,0% ao ano, como resultado da ação do Banco Central ao confronto de dois conjuntos de forças que podem afetar as expectativas de inflação: de um lado, a recuperação da economia em ritmo mais lento do que o esperado, e de outro o efeito das políticas governamentais de incentivo à demanda agregada, podendo resultar em pressões inflacionárias, dando fim ao ciclo de cortes e manutenções na Selic iniciado em 2016 pelo BACEN.

Gráfico 4 - Taxa Selic – Meta – Fim de Período (% a.a.) – 2018 a 2021.



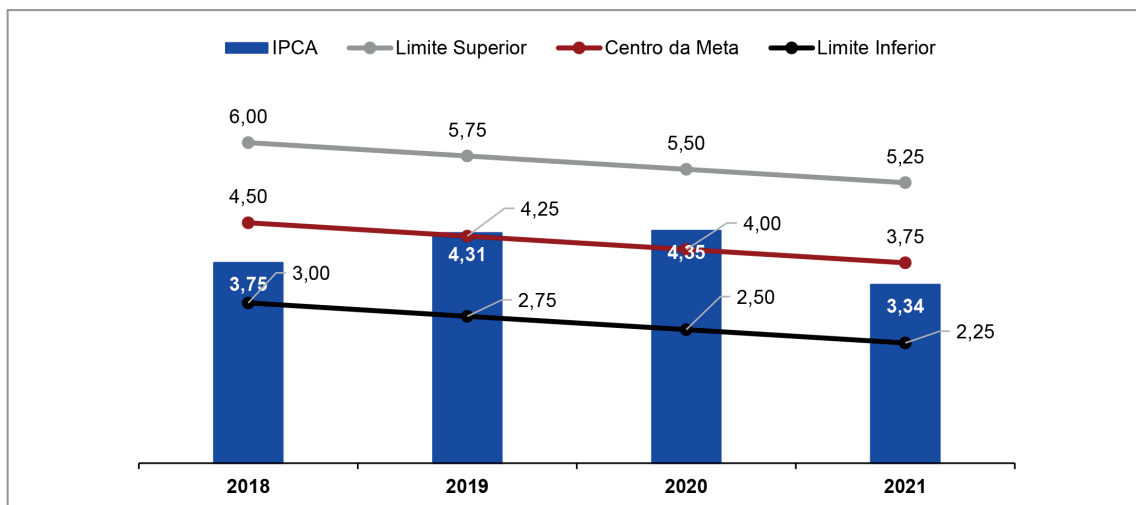
Fonte: Relatório Focus – Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

A previsão do índice de inflação IPCA para o ano de 2020, é de 4,35%, apresentando um aumento em relação aos anos de 2018 (3,75%) e 2019 (4,31%), como pode-se observar no Gráfico 5.

O aumento da taxa de inflação para o ano de 2020 decorre da alta nos preços de alguns itens de alimentos que pertencem a cesta do índice. Essa alta é explicada em grande parte pelo aumento da demanda por alimentos a partir da renda obtida pelos trabalhadores informais com o auxílio emergencial, dado que a maior parte da cesta de consumo destes trabalhadores é de produtos alimentícios. A alta do dólar e choques de oferta localizados também contribuíram para pressionar a inflação.

A retração do índice IPCA para 3,34%, na previsão para o ano de 2021, é explicada pelo real avanço das pesquisas sobre a vacina contra Covid-19, possibilitando uma recuperação gradual e ordenada da economia doméstica e global, reduzindo os choques de oferta e estabilizando o câmbio. A redução dos estímulos e fiscais e monetários deve contribuir para que se opere com uma taxa menor de inflação. Mesmo com a projeção de aumento de contratações para o ano de 2021, e crescimento da massa de salários, a taxa de desemprego permanecerá elevada.

Gráfico 5 - Inflação (IPCA) e Metas Inflacionárias – 2018 a 2021.



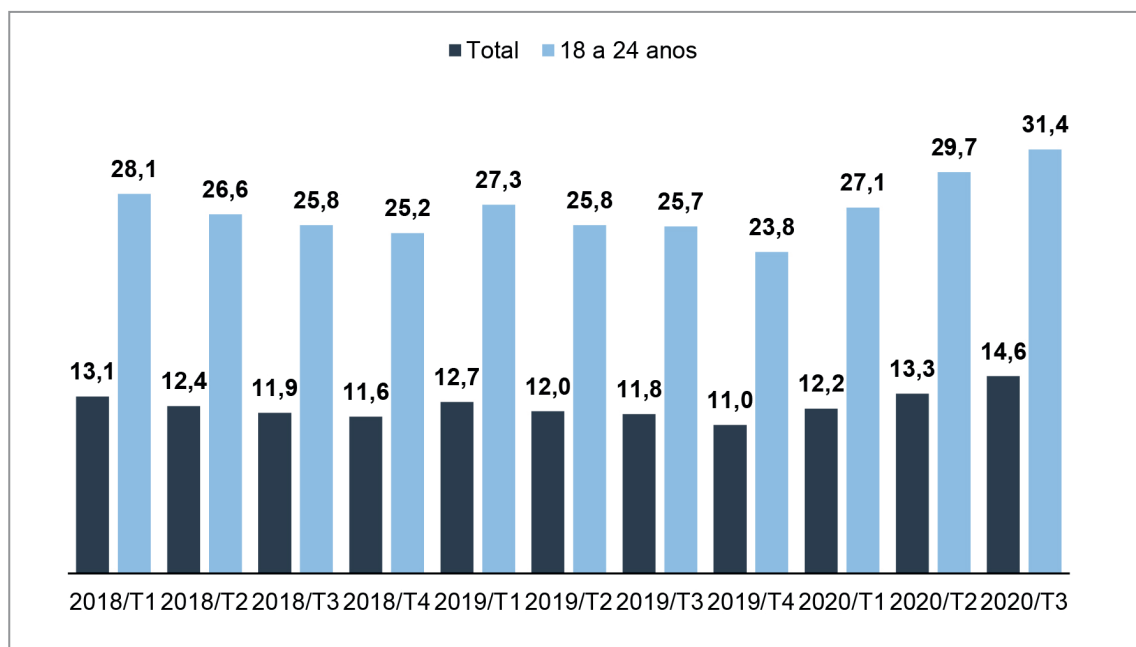
Fonte: IBGE e Relatório Focus – Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

Conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, para o Brasil, no terceiro trimestre de 2020, verifica-se que a taxa de desemprego foi de 14,6%, acréscimo de 2,8 pontos percentuais (p.p.) em relação ao que foi registrado no terceiro trimestre de 2019, quando verificou-se uma taxa de 11,8% (Gráfico 6). Segundo o IBGE “Foram mais de 1,3 milhões de desempregados que entraram na fila em busca de um trabalho no país”. Ainda conforme o IBGE, a taxa de desocupação subiu em dez estados, onde as maiores porcentagens foram registradas na Bahia (20,7%), Sergipe (20,3%) e Alagoas (20,0%), enquanto o número de pessoas em atividade econômica caiu 1,1% em relação ao trimestre passado, somando um total de 82,5 milhões de pessoas, sendo o menor patamar histórico desde 2012.

No que tange a taxa de desemprego da população entre 18 a 24 anos, no terceiro trimestre de 2020 (31,4%), em relação ao terceiro trimestre de 2019 (25,7%), nota-se um aumento de 5,7 p.p., sendo retrato do impacto da pandemia no mercado de trabalho registrado com mais intensidade para os jovens da faixa de 18 a 24 anos. Nota-se também que o valor do mesmo apresentava uma queda ao longo do ano de 2019 e fica evidente a tendência de crescimento a partir do primeiro trimestre de 2020, quando se deu o início do processo de isolamento social no Brasil ao final do mês de março.

De acordo com o Relatório de Inflação de setembro de 2020, divulgado pelo Banco Central, apesar da recuperação recente mais rápida, embora heterogênea da atividade econômica, o mercado de trabalho não apresenta uma trajetória clara de retomada, o que dificultará a recuperação da economia, notadamente quando forem sendo gradativamente retirados os estímulos monetários e fiscais.

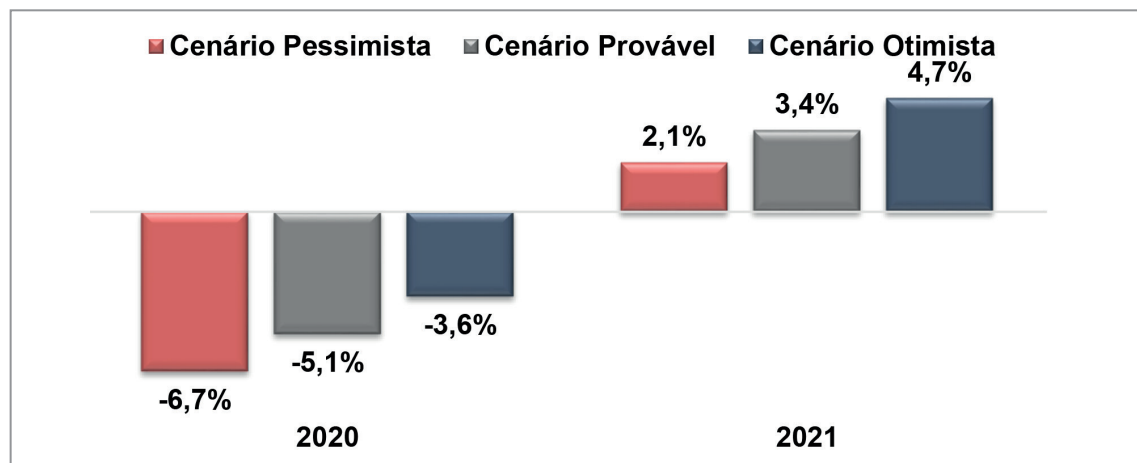
Gráfico 6 - Taxa de Desemprego Trimestral (%) – 2018 a 2020.



Fonte: IBGE-PNAD. Elaboração: Nupe/Unifor.

Dado o comportamento conjuntural da economia brasileira recente, bem como as previsões de agregados macroeconômicos apresentados neste documento, pode-se verificar, de acordo com o Gráfico 7, que não houve alterações dos cenários para o ano de 2020 divulgados no 5º Boletim Econômico NUPE - Unifor de setembro de 2020. Em relação ao ano de 2021, espera-se um crescimento de 3,4% para o cenário favorável, enquanto para os cenários pessimista e otimista os crescimentos registrados são +2,1% e +4,9%, respectivamente.

Gráfico 7 - Cenários Para a Variação do PIB Real (%) – Brasil – 2020 a 2021.



Fonte: Relatório Focus – Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

CENÁRIO LOCAL

No terceiro trimestre de 2020 com relação ao mesmo período de 2019, o PIB da economia cearense apresentou uma retração de -1,32% (Tabela 1), resultado bem melhor do que o registrado para o segundo trimestre de 2020 (-14,02%), quando verificou-se o auge dos efeitos negativos causados pela pandemia do Covid-19.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do terceiro trimestre de 2020 com o mesmo período de 2019, pode-se verificar que os efeitos negativos da pandemia vêm se reduzindo no decorrer do ano, onde os setores da indústria (-1,56%) e dos serviços (-1,83%) registraram quedas bem menores do que no segundo trimestre de 2020. Em direção oposta, o setor da agropecuária apresentou um crescimento de +6,67%, dado que este setor, por ser eminentemente essencial, não apresentou em nenhum momento interrupções em suas atividades econômicas, além de ter sido beneficiado por uma boa quadra invernal ocorrida durante o ano 2020, e pelo aumento da demanda por alimentos em decorrência da renda adquirida pelas famílias via transferência do auxílio emergencial.

Tabela 1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Ceará - 2º Trim.2019 a 2º Trim. 2020 (*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2019 (**)	4º Trim. 2019 (**)	1º Trim. 2020 (**)	2º Trim. 2020 (**)	3º Trim. 2020 (**)	Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	8,00	15,59	3,89	21,18	6,67	10,81	11,90
Indústria	3,51	10,62	-1,15	-30,63	-1,56	-10,76	-5,35
Extrativa Mineral	-4,56	-7,39	-9,77	-85,82	-87,62	-63,21	-48,21
Transformação	-0,45	1,20	-2,53	-38,18	4,81	-11,46	-8,15
Construção Civil	9,07	13,55	4,55	-18,12	10,90	-0,73	2,74
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	7,16	33,17	-4,83	-22,68	-25,63	-18,25	-5,59

Serviços	1,75	2,54	0,06	-12,72	-1,83	-4,84	-2,97
Comércio	3,14	4,96	-1,32	-23,80	6,71	-6,15	-3,23
Alojamento e Alimentação	0,83	-0,07	1,07	-12,74	-15,70	-9,12	-6,84
Transportes	0,49	0,96	0,56	-18,96	-7,36	-8,55	-6,05
Intermediação Financeira	2,33	4,89	0,07	-14,17	-1,23	-5,09	-2,58
Administração Pública	0,82	-0,01	0,23	-4,89	-4,71	-3,14	-2,36
Outros Serviços	-1,92	-1,77	3,35	-2,51	-3,85	-1,01	-1,21
Valor Adicionado (VA)	2,23	4,73	0,07	-14,06	-1,27	-5,07	-2,60
Produto Interno Bruto (PIB)	2,19	4,55	0,05	-14,02	-1,32	-5,08	-2,65

Fonte: IPECE.

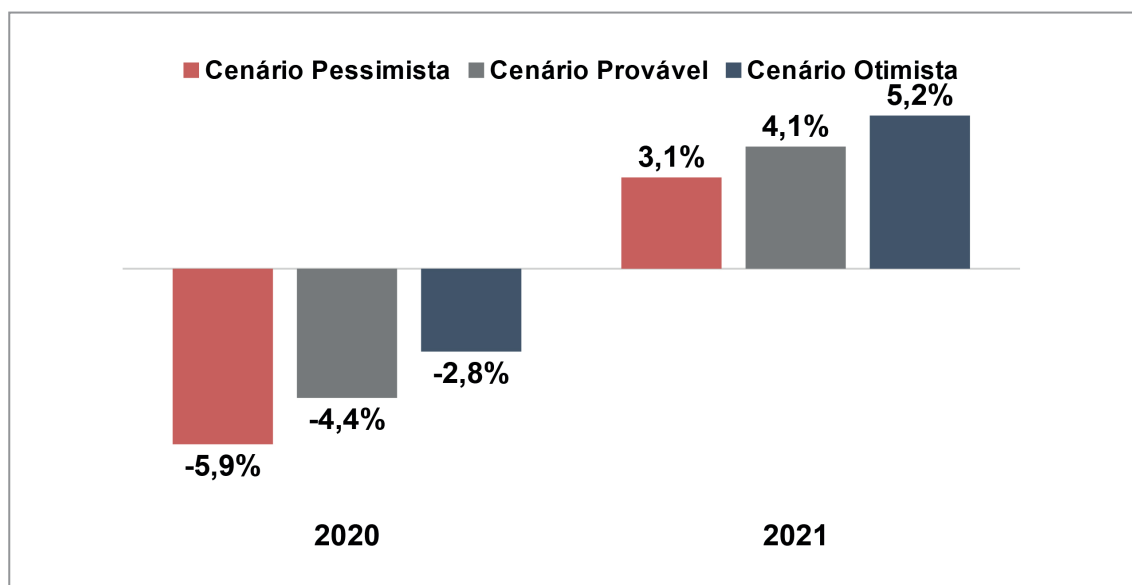
(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação ao mesmo período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

De acordo com o comportamento recente do PIB do Ceará, e de sua relação com o PIB do Brasil, bem como as análises conjunturais e os cenários apresentados neste documento, o Nupe elaborou previsões para o PIB cearense em 2020 e 2021, em três possíveis cenários (Gráfico 8). Assim como para o Brasil, não houve alterações dos cenários para o ano de 2020, enquanto para o ano de 2021, há uma previsão de retomada do crescimento da economia cearense, comportamento explicado, em grande parte, pelo equilíbrio fiscal das contas públicas do Estado, no qual irá permitir a execução dos grandes investimentos públicos estruturantes planejados, e que afetará de forma positiva uma grande quantidade de atividades econômicas cearenses ligadas a cadeia de produção da construção civil, aumentando a produção e conseqüentemente a massa salarial e a arrecadação de tributos. No cenário provável, a expectativa é de uma expansão de +4,1%, no cenário mais pessimista, um crescimento de +3,1%, enquanto, para o cenário otimista, espera-se um aumento de +5,2%, recuperando boa parte das perdas econômicas ocorridas em 2020.

Gráfico 8 - Cenários Para a Variação do PIB Real – Ceará – 2020 a 2021.

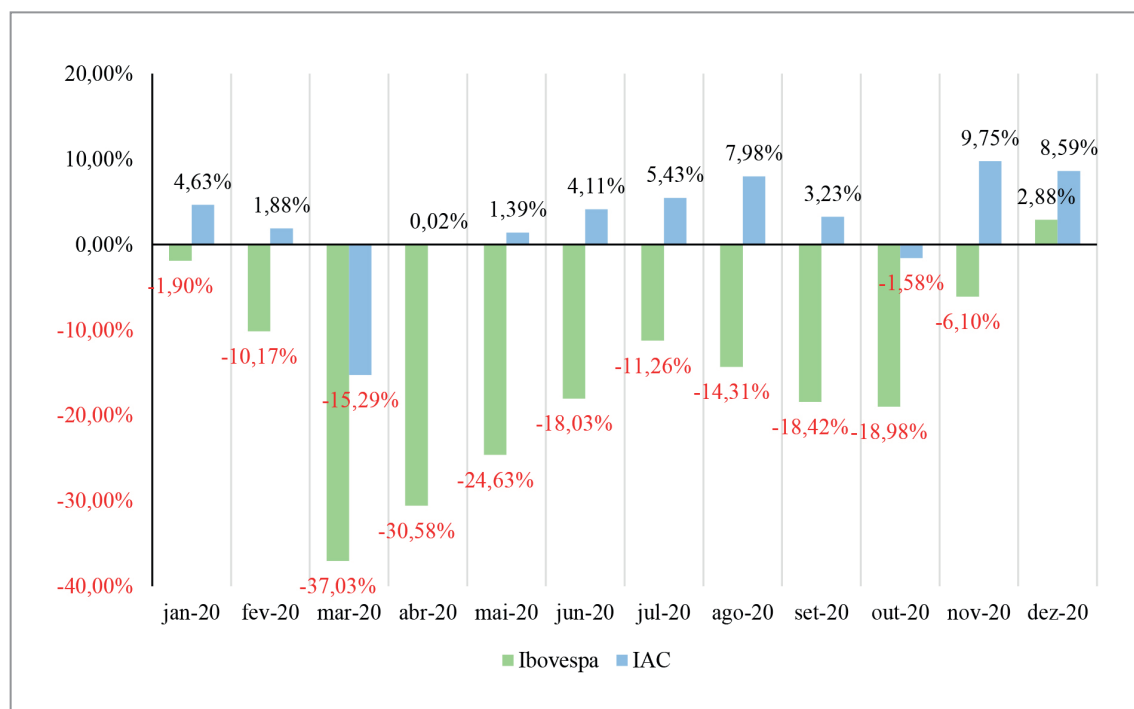


Fonte: IPECE e NUPE. Elaboração: Nupe/Unifor.

ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

O Índice de Ações Cearenses (IAC) registrou retorno de 8,59% no acumulado do ano de 2020, 5,71 pontos percentuais acima do Ibovespa (+2,88%). Em março, auge da crise, o Ibovespa chegou a registrar queda de 37,03% no acumulado do ano, tendo registrado vários *circuit breakers* naquele mês. Neste mesmo mês de março, o IAC apresentou queda de 15,29%, contudo, logo no mês seguinte, enquanto o Ibovespa ainda registrava queda expressiva, o índice das ações cearenses já apresentava reversão de perdas, com ligeira valorização (+0,02%).

Gráfico 9 – Retorno Mensal do IAC e do Ibovespa – acumulado do ano de 2020.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Em grande medida, o desempenho positivo decorre da performance das empresas que atuam nos segmentos de planos de saúde e energia. Adicionalmente, o IAC, que possui empresa cearense listada na Nasdaq, a Arco Educação, trouxe consigo a influência da depreciação do real frente ao dólar, que, devido ao seu peso³ no IAC, e a conversão da cotação do ativo em dólar para real, contribuiu de forma relevante para que o retorno do IAC atingisse o *break even point* já no mês de abril.

Analisando-se os retornos individuais de cada empresa contidas no IAC, no acumulado do ano de 2020, a Aeris (AERI3), que encerrou o ano com participação de 5,12% no índice, apresentou o maior retorno (63,93%), que pode ter decorrido em razão do recente processo de abertura de capital. Em seguida, as ações ordinárias da Coelce (COCE3) registraram crescimento de 39,62%, possuindo participação no índice de 3,51%. A Hapvida (HAPV3), empresa com maior participação no índice, apresentou retorno anual de 19,41% em 2020.

3 A participação de cada empresa no índice é calculada através do seu valor de mercado ajustado ao *free-float*. Com o valor de mercado individual de cada empresa, é efetuado a razão com o total do índice.

Tabela 2 - Retornos do Ibovespa e das empresas constituintes do IAC.

Tickers	Retorno Mensal	Retorno Anual	Retorno dos Últimos 24 Meses	Retorno dos Últimos 48 Meses	Part. (%)
Ibovespa	9,57%	2,88%	35,75%	98,09%	-
Índice	-1,05%	8,59%	90,07%	131,30%	-
BNBR3.SA	8,42%	-19,99%	100,11%	198,74%	3,68%
COCE5.SA	7,33%	-3,86%	25,00%	20,02%	2,97%
GRND3.SA	1,21%	-31,76%	2,20%	43,00%	5,86%
MDIA3.SA	4,93%	-10,72%	-20,42%	-11,16%	7,35%
COCE3.SA	25,13%	39,62%	91,05%	72,45%	3,51%
HAPV3.SA	5,83%	19,41%	144,55%	-	41,32%
ARCE	-20,82%	2,55%	120,98%	-	26,47%
PGMN3.SA	8,81%	-13,27%	-	-	3,71%
AERI3.SA	50,38%	63,93%	-	-	5,12%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: **30 de dezembro de 2020**.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

No último mês de dezembro, apenas a Arco (ARCE) apresentou contração (-20,82%) em dezembro de 2020, que além da performance negativa do seu ativo na Nasdaq, também foi influenciada pela queda do dólar. Em contraste, as empresas que apresentaram os retornos mais expressivos foram: AERI3 (+50,38%), COCE3 (+25,13%), PGMN3 (8,81%) e BNBR3 (8,42%).

Autores:

Alysson Inácio de Oliveira
Armando Mendonca Rocha Barreira
Caio Cesar Fontenele Pontes
Carla Valeria Reis Frota
Davi Suliano De Santana
Iuri Andre Bezerra Albuquerque
Johann Soares Langner
Monalisa Viana Caminha
Regis Freitas Alcantara

